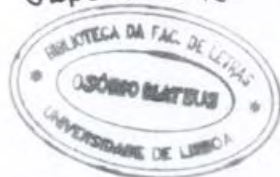


JAIME SALAZAR SAMPAIO
TEATRO COMPLETO

II



UFL 071 00076



JAIME SALAZAR SAMPAIO

TEATRO COMPLETO

II

MAGDALENA

IMPrensa NACIONAL-CASA DA MOEDA

O JARDIM PÚBLICO

O JARDIM PÚBLICO

PERSONAGENS

GABRIEL/MÁRIO
BEATRIZ/MARIA
MESTRE-DE-CERIMÓNIAS
POLÍCIAS
INSPECTOR DA POLÍCIA
MENDIGO
ESPECTADORES DO CORTEJO
ELEMENTOS DO PÚBLICO

A cena representa um jardim público. Em condições ideais, será um grande jardim, onde os actores, figurantes e o próprio público terão o seu lugar, de acordo com as condições concretas do espaço disponível. No jardim há numerosos bancos, canteiros com flores, uma fonte com o seu repuxo, uma ou outra árvore, arbustos, uma cabina telefónica, etc. O grau de realismo destes elementos cénicos, dependerá, como é evidente, do encenador; sugere-se apenas que exista uma hábil mistura de elementos realistas e não realistas, dando a entender que entre a chamada «realidade» e aquilo que designamos por «teatro», é capaz de não haver afinal uma fronteira rígida.

Num dos bancos do jardim encontra-se sentado Gabriel (que será designado por G. nas rubricas). É um homem de meia-idade, bem vestido — digamos mesmo: excessivamente bem vestido.

Mantendo-se em silêncio, G. olha fixamente em frente. A seu lado, em cima do banco, há uma rima de jornais, muito bem dobrados. Junto ao banco, um carrinho de compras, com rodas e repleto de embrulhos coloridos.

G., conservando as mãos espalmadas sobre os joelhos, parece estar à espera de algum acontecimento especial.

A dada altura, consulta o relógio de bolso, mas logo reassume a postura inicial.

Noutra ocasião, parece tentado a tirar um jornal da pilha, mas logo desiste, regressando à imobilidade. Um tempo.

Pelo fundo, entra Beatriz (B. nas rubricas). É uma jovem agradável, modestamente vestida e com uma insignificante malinha de mão. Usa porém um chapéu agressivo, em flagrante contraste com o bom gosto e a simplicidade do traje.

Uma vez no jardim, B. hesita, olhando em volta. Acaba por sentar-se num dos bancos, muito longe de G.

Um tempo de silêncio e imobilidade de ambas as personagens.

A dado momento, B. começa a choramingar, num crescendo de soluços e suspiros, que nunca deve chegar, no entanto, ao espalhafato.

G., fingindo não se ter apercebido da presença de B., consulta uma vez mais o relógio. Um tempo. Disfarçando o nervosismo, G. retira um jornal da pilha e abre-o, de forma ostensiva. Folheia o jornal, mas sem o ler.

B. resolve deixar de choramingar e abre a malinha.

G. fecha imediatamente o jornal, dobra-o muito bem dobradinho e volta a colocá-lo na pilha, com gestos precisos e continuando a fingir não dar pela presença de B.

B. procura na malinha qualquer coisa. Não encontrando o que pretendia, fecha a malinha com um gesto seco e dirige-se, resoluta, para o banco ocupado por G. Afastando, com determinação, a pilha de jornais, senta-se, muito perto de G. Um tempo. B. volta a soluçar, olhando de quando em quando para G., disfarçadamente.

B. (entre lágrimas e soluços) — O senhor... não podia... emprestar-me um lenço?...

(G., exagerando a rigidez da postura, não responde nem mesmo olha para ela.)

B. (choramingando com mais força) — Um lencinho. Por favor. Um lenço!

(Continuando em silêncio e sem olhar para ela, G. entrega-lhe um lenço branco que espreitava do bolso do seu impecável casaco. B., sem agradecer, deixa imediatamente de choramingar e começa a limpar os olhos com o lenço, olhando para G., de soslaio.)

B. (após alguns soluços e suspiros, a condizer) — Uma pessoa dedica-se, não é?... Arruma a casa, prepara as refeições, lava a loiça, fornicava, engoma as camisas brancas de Sua Excelência... chega mesmo a rir das suas piadas sem piada nenhuma. (Pausa. Recomeçando a choramingar.) E um belo dia... quando menos espera... (Morde o lenço, rasgando-o irremediavelmente.) Oh!, desculpe... Dei-lhe cabo do lencinho...

G. (em tom seco, exibindo outro lenço branco e «armando-o» no bolsinho superior do casaco, em substituição do rasgado por B.) — Deixe. Não tem importância.

B. (com dignidade, vasculhando na malinha) — Ah!, mas eu pago-lhe... Ora essa!... Tenho aqui dinheiro. (Continua a vasculhar, sem êxito.)

G. (elevando a voz; com impaciência) — Dinheiro?!... E o que é que lhe parece que eu trago nos bolsos?... Amendoins?...

(De diferentes bolsos, G. retira impressionantes maços de notas de banco. De notas em riste, levanta-se, num rompante, e, deambulando em torno do banco, espalha alguns maços pelo chão. Os figurantes sentados nos outros bancos, levantam-se, preparando-se para apanhar as notas. G. impede-os, dando um passo em frente, em atitude beligerante. Um tempo. Os figurantes, cabisbaixos, voltam a sentar-se nos respectivos bancos, confundindo-se, de novo, com os espectadores.)

G. (estacando, longe de B. mas voltando-se para ela; em tom severo) — Com quem julga a menina que está a falar? (Mudando de assunto; com autoridade.) E, antes de mais nada: como se chama?

B. (ultrapassada) — Eu?... Como é que eu me chamo?... Eu?...

G. (impaciente) — Quem havia de ser?

B. (num fio de voz) — Beatriz...

G. (indignado) — Beatriz!!! (Pausa. Tom mais calmo mas severo.) Ah!, mas isso é uma grande responsabilidade!... Como é que uma pessoa decente se atreve a chamar-se Beatriz... (designando o chapéu de B.) ...com uma coisa destas enfiada na cabeça? (Arranca-lhe o chapéu e atira-o para longe. Um tempo. Esboçando um sorriso.) E agora que nos livrámos daquele objecto inqualificável, prossigamos a nossa conversa... (Com ironia.) ...menina Beatriz. (Afinando a garganta, assume um tom formal.) O seu Pai, quem era?... O que é que ele fazia na vida?

B. (submissa; a meia voz) — Era guarda-livros...

G. (indignado) — Não pode ser!

B. (rectificando; com timidez) — ... Ajudante de guarda-livros...

G. (no auge do furor) — Ainda por cima... ajudante!... Que imprevidência, Santo Deus!... Que falta de senso... e de iniciativa... (Com sarcasmo mas em voz branda, demasiado branda.) Aposto que a sua Mãezinha era doméstica... A família vivia num bairro de rendas limitadas... e à sexta-feira refastelavam-se com peixe frito, em óleo rançoso, de amendoim...

B. (com dignidade) — Não é preciso fazer troça... (Apanha o chapéu do chão e sacode-o, sem, no entanto, voltar a pô-lo na cabeça.) Cada um vive à sua maneira... Como pode... De acordo com as circunstâncias...

G. *(tirando o chapéu das mãos de B., atira-o de novo ao chão e espezinha-o com fúria)* — Tolice! Parlapatice! Trampolinice!... *(Mais calmo; com um sorriso de superioridade.)* Só os idiotas chafurdam na mediocridade! *(Pausa. Saboreando o efeito da frase.)* Um homem previdente organiza as coisas. Prepara os acontecimentos... *(Em tom de confiança.)* Sabe o que fiz, ao chegar a este mundo? ... Qual foi a minha primeira preocupação? *(Pausa. Triunfante.)* Resolvi nascer numa família rica!... Pronto! *(Circulando pelo jardim, recupera as notas que tinha espalhado.)* Informei-me nos bancos, nos vizinhos, nos fornecedores... *(Um tempo de recolha de notas, em silêncio.)* ... E disse à cegonha que me trouxera de Paris: menina, deixe-me ficar naquele palacete. *(Um tempo.)* Acabara de fazer — precocemente — a minha opção de classe! *(Sorridente, guarda as notas. Um tempo.)* Aos três meses já bebia champagne pelo biberon... E aos três anos, embora ainda não tivesse formalmente aprendido a ler, sabia já de cor a lista dos bens — móveis e imóveis! — da minha família... Quer dizer: aquela família onde eu tinha resolvido nascer... *(Longa pausa. Olhando B.)* O que é que a Beatriz disse há bocadinho que o seu Pai fazia? *(Antecipando-se à resposta.)* Ah, já sei! *(Com desprezo.)* Ajudante de guarda-livros... *(Reparando que B. concorda, com um tímido movimento de cabeça; em tom de triunfo.)* Pois o meu Pai — graças a Deus! — não fazia coisíssima nenhuma... Que é precisamente aquilo que fazem as pessoas de bom gosto quando se libertam dos preconceitos e deixam voar a imaginação... *(Voltando a levantar-se e circulando em torno do banco onde B. permanece sentada.)* A minha Tia Laura, de Alcácer do Sal, dizia muitas vezes: olha as minhas mãos, Gabriel... *(Estacando, junto de B.)* Que eu, entretanto, tinha resolvido chamar-me Gabriel, noutra altura explicarei porquê... *(Voltando a circular.)* Gabriel, olha as minhas mãos, dizia a minha Tia que praticamente nunca se calava, era uma espécie de bombardeiro, lançando palavras e perdigotos para cima das pessoas... *(Estaca, lançando ele mesmo hipotéticos perdigotos para cima de B. e estendendo as mãos para ela.)* Rapaz: vês calos nestas mãos?... *(Em tom solene, avançando para B., que recua no banco.)* Há quatro gerações — quatro! — que na minha família ninguém trabalha! *(Continuando a avançar.)* Temos as mãos limpas!... *(Procurando alcançar B., a qual, tendo recuado até à pontinha do banco, acaba por cair, ficando sentada no chão.)* Macias e limpas! Limpas e macias!... *(Ajudando B. a sentar-se de novo no banco.)* Mas não é preciso franzir o nariz! Não aperte os lábios!... Sei muito bem o que se passa nessa cabecinha! *(Pausa.)* O Avô do meu Avô — ou o pai dele, não é? —, o Pai do Avô do meu Avô, se calhar não passava de um reles negreiro... Não é o que está a pensar?... *(Levemente ameaçador.)* E depois?... O que é que nós temos com isso?... Onde está o mal?... *(Em tom pedagógico.)* A escravatura — fique a menina Beatriz sabendo! — é um dos pilares da nossa civilização... *(Aproximando-se do*



Este segundo volume
de *Teatro Completo* de Jaime Salazar Sampaio
foi composto e impresso nas oficinas gráficas
da *Imprensa Nacional-Casa da Moeda*
com uma tiragem de 1000 exemplares

Acabou de imprimir-se
em Setembro de mil novecentos e noventa e sete

CÓD. 205 153 000
ED. 4200095
ISBN 972.27.0863.5

DEP. LEGAL N.º 115 329/97